

### Perfis de Escravos: Sergipe, século XIX.

Amâncio Cardoso.\*

Como eram representados os escravos pelos seus senhores? Ou por outra, que atributos eram impingidos aos cativos? Ou ainda, que imagens eram construídas sobre a escravaria. Para responder a estas questões, um documento incontornável são os anúncios de fuga de escravos publicados nos jornais do Império.<sup>i</sup> Tais anúncios, além de descreverem o porte físico dos fugitivos, para facilitar sua captura, traziam alguns caracteres morais ou retratos d'alma, conforme, é óbvio, a perspectiva dos proprietários. Desta forma, obtém-se alguns traços dos escravos imaginados pelo senhor. As peculiaridades, assim, compõem um patrimônio de imagens. Tal acervo, portanto, alude ao grau de humanidade que se vislumbraria nos cativos.<sup>ii</sup>

Nos jornais de Sergipe provincial, há relativa diversidade de frisos morais dos fujões nos anúncios.<sup>iii</sup> Em 1866, por exemplo, o negro João foi descrito como '*um pouco acatruzado*'. O qualificativo significa apoquentado, aborrecido, importunado com pequenas coisas.<sup>iv</sup> Logo, João parecia meio esquentado, não tolerava conversa fiada. O que era de se temer, pois, ademais, ele era alto, espadaúdo e grosso de corpo, segundo José Pinto da Cruz, seu senhor.<sup>v</sup>

De jaez semelhante, desenhou-se o preto Ângelo que fugiu de Simão Dias, em 1872. Ele foi tipificado como '*metido a valente*'.<sup>vi</sup> Talvez esta fosse a razão porque o escravo Maurício o acompanhara na fuga: a segurança de um intrépido companheiro de senzala.

Neste mesmo campo semântico, escravas foram também distinguidas com atributos morais. Foi o caso de Eufrásia, fugida de Aracaju em 1880 e identificada como '*um pouco carrancuda*'. Supostamente, por conta de seus aborrecimentos, ela tenha entrado em desavenças com seu senhor Gonçalo Vieira de Mello (1822-1884).<sup>vii</sup>

A mulata Luíza foi taxada de andar '*quase sempre embriagada*' ao lado de seu parceiro, com quem fugira, em 1866.<sup>viii</sup> A embriaguez era costume moralmente condenado pela medicina acadêmica no século XIX. Seria um vício que representaria desordem do espírito por falta de disciplina, por excesso de paixões; fruto de uma alma perturbada, o que

se refletiria na desorganização da economia do corpo e, por conseguinte, da sociedade.<sup>ix</sup>

Já o escravo Manoel, cuja fuga ocorreu em 1873, de um sítio em Itabaiana, foi classificado de *'regrista'*.<sup>x</sup> Termo que designa quem é metediço e intrometido.<sup>xi</sup> Ou seja, parece que o preto Manoel gostava de ter suas opiniões, ou, quem sabe, meter o bedelho onde não lhe cabia.

Além de regrista, o jovem Isaias, de 14 anos, foi caracterizado de *'astucioso'*.<sup>xii</sup> Pois ele, conforme seu senhor Manuel José d'Andrade, ao fugir da então vila da Capela, em 1862, projetava mudar de nome e passar-se *'por forro'* ou liberto. Deste modo, parecia mesmo esperto o menino Isaias.

A marca de *'gaiato'* foi cunhada no mulato Saturnino. Ele escapara do engenho Patrimônio, em 1856.<sup>xiii</sup> Espírito animado, Saturnino era *'tocador de viola'*. E, ao tanger as cordas, deveria soltar suas maledicências.

Mais espirituoso ainda era o mulato Luiz, evadido de Pacatuba em 1859. Levou os predicativos de *'muito ladino e alegre'*. Combinava com quem sabia contar histórias e gostava de batuques, como estampa o anúncio.<sup>xiv</sup>

Ladino, de acordo com o jargão do escravismo, era o africano que falava português, tinha instrução cristã e possuía rudimentos de algum ofício.<sup>xv</sup> Porém, a acepção mais pertinente para Luiz, correspondente também a ladino, parece ser a de sagaz, manhoso, astuto. Pois o rapaz apresentava *'sinais de chicote pela barriga, costas e pescoço'*, certamente devido a alguma esperteza ou peraltice nas batucadas que freqüentava.<sup>xvi</sup>

Ao contrário do ladino Luiz, o crioulo Constantino, que fugiu de São Cristóvão em 1853, foi salientado como *'apatetado'*. Supostamente, seu jeito atoleimado fosse proveniente de um coice que levara na testa, como afirma o anunciante.<sup>xvii</sup>

Diferentemente de Constantino, o preto Francisco, que escapuliu da cidade da Estância em 1854, foi apontado como *'muito retórico'*. Isto quer dizer que Francisco, certamente, empolava sua fala para impressionar os outros e manter-se livre. Não é por acaso que permanecia fugido há nove anos.<sup>xviii</sup>

Assim como Francisco, naquele mesmo ano, o crioulo Claudino, fugitivo do engenho Cipó-branco, em Itabaianinha, também foi assinalado como *'muito retórico'*.<sup>xx</sup> No entanto, ele seria mais preparado intelectualmente. Sabia ler e escrever. Habilidades relativamente raras num escravo; até mesmo entre livres, à época.<sup>xx</sup>

Além destes, outros traços foram vinculados nos escravos. Alguns anunciantes frisaram caracteres considerados abonadores. Em 1872, por exemplo, o pardo Simão foi descrito como *'muito cortês'*. Sua delicadeza ou urbanidade poderia soar estranho numa pessoa que lavrava compulsoriamente as terras de um certo engenho Santana.<sup>xxi</sup>

Quanto ao escravo João, cuja fuga ocorreu de um sítio na vila da Ilha do Ouro (no atual município de Porto da Folha), em 1879, foi considerado como *'simpático'*, *'triste por hábito e pouco fala'*. A simpatia taciturna e lacônica de João, ao contrário de Simão, calha muito bem com seu ofício. Ele era *'vaqueiro'* e andava *'bem a cavalo'*. Estava, portanto, acostumado à solidão dos sertões e a matutar com a vacaria.<sup>xxii</sup>

Por fim, vimos que os anúncios de fuga de escravos divisa, entre outros indícios, particularidades morais. Costumes, vícios e virtudes, anotados pelos senhores, nos possibilitam vislumbrar nos cativos muito além de uma simples mercadoria ou máquina para o trabalho. Aqueles sinais são prova incontestada de que a escravidão tinha seu componente espiritual. Portanto, assim, se patenteia que os escravos eram também percebidos como humanos; demasiadamente humanos.

Notas:

---

\* Mestre em História Social (UNICAMP) e professor do CEFET-SE. E-mail: [acneto@infonet.com.br](mailto:acneto@infonet.com.br)

<sup>i</sup> FREYRE, Gilberto. *O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*. Recife: Imprensa Universitária, 1963. 224 p.

<sup>ii</sup> CANETTI, Elias. *O todo-ouvidos: cinquenta caracteres*. RJ: Espaço e Tempo, 1989.

<sup>iii</sup> MOTT, Luiz. O escravo nos anúncios de jornal de Sergipe. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*. Aracaju, n. 29, p. 133-147.

<sup>iv</sup> HOUAISS, Antônio; et al. *Dicionário da Língua Portuguesa*. RJ: Objetiva, 2001. p. 47.

<sup>v</sup> *Correio Sergipense*. Aracaju, n. 46, 15 de junho de 1866. p.4.

<sup>vi</sup> *Jornal do Aracaju*, n. 249, 12 de março de 1872. p.4.

<sup>vii</sup> *O Raio*. Aracaju, n. 189, 25 de julho de 1880, p.4.

<sup>viii</sup> *Correio Sergipense*. Aracaju, n. 44, 06 de junho de 1866. p.4.

<sup>ix</sup> MACHADO, Roberto; et al. *Danação da norma*. RJ: Graal, 1978. p. 196-197.

<sup>x</sup> *Jornal do Aracaju*, n. 386, 18 de junho de 1873. p.4.

<sup>xi</sup> FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2. ed. RJ: Nova Fronteira, 1986. p.1476.

<sup>xii</sup> *Correio Sergipense*. Aracaju, n. 02, 10 de janeiro de 1863, p.4.

<sup>xiii</sup> *Correio Sergipense*. Aracaju, n. 68, 29 de novembro de 1856. p.4.

<sup>xiv</sup> *Correio Sergipense*. Aracaju, n. 43, 26 de maio de 1860. p.4.

<sup>xv</sup> MATTOSO, Kátia. *Ser escravo no Brasil*. 3. ed. SP: Brasiliense, 2001. p. 251.

<sup>xvi</sup> FERREIRA, Aurélio B. de H. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2. ed. RJ: Nova Fronteira, 1986. p.1002.

<sup>xvii</sup> *Correio Sergipense*. São Cristóvão, n. 34, 28 de maio de 1853. p.4.

<sup>xviii</sup> *Correio Sergipense*. São Cristóvão, n. 04, 18 de janeiro de 1854. p.4.

<sup>xix</sup> *Correio Sergipense*. São Cristóvão, n. 27, 12 de abril de 1854. p.4.

<sup>xx</sup> NUNES, Maria Thetis. *História da Educação em Sergipe*. RJ: Paz e Terra; Aracaju: SEC/UFS, 1984. p. 59.

<sup>xxi</sup> *Jornal do Aracaju*, n. 277, 29 de maio de 1872. p.4.

<sup>xxii</sup> *Jornal de Sergipe*. Aracaju, n. 104, 29 de outubro de 1879. p.4.